



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i1.62873

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NOS  
PROCESSOS CURRICULARES COM AS  
REDES EDUCATIVAS COTIDIANAS DAS  
MULHERES NA BACIA DO RIO FORMATE**

**ANTI-RACIST PRACTICES IN CURRICULUM  
PROCESSES WITH WOMEN'S EVERYDAY  
EDUCATIONAL NETWORKS IN THE  
FORMATE RIVER BASIN**

**PRÁCTICAS ANTIRRACISTAS EN LOS  
PROCESOS CURRICULARES CON LAS  
REDES EDUCATIVAS COTIDIANAS DE LAS  
MUJERES EN LA CUENCA DEL RÍO  
FORMATE**

**Resumo:** Este artigo dialoga com as escrituras de uma professora pesquisadora, engajada e insubmissa, para evidenciar práticas antirracistas nos processos curriculares envolvendo as questões étnico-raciais com as redes educativas cotidianas de mulheres que vivem e lutam em defesa da preservação do rio Formate do município de Viana do estado do Espírito Santo. Mulheres que são professoras, pesquisadoras e mães solo e que, em sua grande maioria, são negras. Desse modo, a escrita da pesquisa foi pensada, praticada e tecida conectando autoras e escritoras feministas negras, como: Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e bell hooks, à literatura negra de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a fim de trazer à tona as resistências femininas frente às opressões patriarcais. Para tanto, temos como aporte metodológico os estudos com os cotidianos e as pesquisas narrativas. Quanto à produção de dados, utilizamos como procedimento metodológico narrativas: narrativas ficcionais, escrituras, 'imagensnarrativas' e diálogos amorosos com os sujeitos da história e praticantes da pesquisa. Assim, a partir das narrativas das moradoras e moradores locais e membros de movimentos sociais da localidade, foi possível problematizar as questões étnico-raciais. Nesse sentido, destacamos a pertinência da Lei Federal nº 10.639/03, que tornou obrigatório que o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira seja de fato exercido nos cotidianos escolares e em outras redes educativas para que as práticas antirracistas aconteçam na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Práticas antirracistas. Processos curriculares.

Recebido em: 20/04/2022

Aceito em: 29/04/2022

Publicação em: 30/04/2022

**Edilene Machado dos Santos**

Mestre em Educação

Professora na Prefeitura Municipal de Vila Velha, Brasil.

E-mail: [edilene.ufes@gmail.com](mailto:edilene.ufes@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1754-4886>

**Soler Gonzalez**

Doutor em Educação

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

[soler.gonzalez@ufes.br](mailto:soler.gonzalez@ufes.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2572-5449>

Como citar este artigo:

SANTOS, E. M.; GONZALEZ, S. PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NOS PROCESSOS CURRICULARES COM AS REDES EDUCATIVAS COTIDIANAS DAS MULHERES NA BACIA DO RIO FORMATE.

**Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. x, p. 1-18, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i1.62873>.

**Abstract:** This article dialogues with the writings of a research teacher, engaged and unsubmissive, to highlight anti-racist practices in curricular processes involving ethnic-racial issues with the daily educational networks of women who live and fight in defense of the preservation of the Formate River in the municipality of Viana in the state of Espírito Santo. Women who are teachers, researchers and single mothers and, most of them, black women. In this way, the writing of the research was thought, practiced and woven connecting black feminist authors and writers, such as: Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro and bell hooks, to the black literature of Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, in order to bring to light the female re-existences in the face of patriarchal oppression. For that, we have as a methodological contribution the studies with daily life and the narrative research. As for the production of data, we used narratives as a methodological procedure: fictional narratives, writings about experiences, 'narrativeimages' and loving dialogues with the subjects of the story and research practitioners. Thus, from the narratives of residents and local residents and members of local social movements, it was possible to problematize ethnic-racial issues. In this sense, we highlight the relevance of Federal Law nº 10.639/03, which made it mandatory for the teaching of African and Afro-Brazilian History and Culture to be exercised in everyday school life and in other educational networks so that anti-racist practices take place in everyday life.

**Keywords:** Black Women. Anti-racist practices. Curricular processes.

**Resumem:** Este trabalho dialoga com las escriturencias de una profesora investigadora, comprometida e insumisa, para evidenciar prácticas antirracistas en los procesos curriculares involucrando las cuestiones étnico raciales con las redes educativas cotidianas de mujeres que viven y luchan en defensa de la preservación del Río Formate de la municipalidad de Viana del estado de Espírito Santo. Mujeres que son profesoras, investigadoras y madres solteras y que, en su gran mayoría, son negras. De ese modo, la escritura de la investigación fue pensada, practicada y tejida conectando autoras y escritoras feministas negras, como: Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro y bell hooks, a la literatura negra de Carolina Maria de Jesus y Conceição Evaristo, con el fin de mostrar las reexistencias femeninas delante de las opresiones patriarcales. Para tanto, tenemos como aporte metodológico los estudios con los cotidianos y las investigaciones narrativas. En lo referente a la producción de datos, utilizamos como procedimiento metodológico narrativas: narrativas ficcionales, escriturencias, 'imágenesnarrativas' y diálogos amorosos con los sujetos de la historia y participantes de la investigación. Así, a partir de las narrativas de las vecinas y vecinos locales y miembros de los movimientos sociales de la localidad, fue posible problematizar las cuestiones étnico raciales. En ese sentido, destacamos la relevancia de la Ley Federal nº 10.639/03, que hizo obligatoria que la enseñanza de Historia y Cultura Africana y Afrobrasileña sea en efecto ejercida en los cotidianos escolares y en otras redes educativas para que las prácticas antirracistas ocurran en la vida cotidiana.

**Palabras clave:** Mujeres Negras. Prácticas antirracistas. Procesos curriculares.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo dialoga com as *escrivivências* de uma professora pesquisadora, engajada e insubmissa (SANTOS, 2019), para evidenciar práticas antirracistas nos processos curriculares envolvendo as questões étnico-raciais com as redes educativas cotidianas de mulheres que vivem e lutam em defesa da preservação do rio Formate, situado no município de Viana, Região Metropolitana do estado do Espírito Santo (ES).

A escrita da pesquisa foi pensada, praticada e tecida conectando autoras e escritoras feministas negras, como Djamila Ribeiro (2019a, 2019b); Sueli Carneiro (2019); bell hooks (2013, 2019a, 2019b) e à literatura negra de Carolina Maria de Jesus (2014) e Conceição Evaristo (2007, 2016, 2017a, 2017b, 2018b, 2018b), a fim de trazer à tona as re-existências femininas frente às opressões patriarcais, raciais, sexistas e machistas (RAMOS, 2019, 2021).

É importante evidenciar que a noção de *escrivivência* foi pensada e construída pela escritora Conceição Evaristo a partir do processo de escravização das mulheres negras, as quais eram obrigadas a recorrer à oralidade a fim de contarem histórias para adormecer as crianças da casa-grande. Essas mulheres tinham a fala e os corpos escravizados, sendo estes instrumentos de dominação. Por esse

motivo, segundo bell hooks (2019b),

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento [...] (HOOKS, 2019b, p. 38-39).

Neste estudo, dialogamos com as inspirações teóricas e metodológica da noção de escrevivências como forma de romper com o legado opressor colonial, ao apresentar outro modo de fazer literário enquanto expressão do conhecimento que representa o pensamento feminino negro, sendo essa uma forma de se posicionar no mundo, ao evidenciar as narrativas que dão sentido à produção de re-existências negras.

A escrevivência desse grupo de mulheres, as quais são professoras, pesquisadoras e militantes, é marcada por uma escrita insubmissa, que incomoda os representantes da casa-grande, pois suas narrativas emergem de espaços não hegemônicos e mostram que as mulheres negras encontraram em seus corpos e vozes a força para fazerem ecoar o desejo de liberdade, demonstrando que não há dominação sem resistência.

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), a escrevivência é uma forma que as mulheres negras encontraram para registrar as suas memórias individuais e coletivas, a partir das experiências dos corpos femininos negros marginalizados, que não se permitem ser capturados e aprisionados, que recorrem também à escrita como possibilidade de se curarem das injustiças e opressões cotidianas, a fim de experimentarem habitar outros mundos (EVARISTO, 2016), evidenciando o que existe de mais humano em nós.

Figura 1 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta pesquisa, além da inspiração nas *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo e nas autoras feministas negras, também dialoga com o pensamento freireano, em consonância com nosso compromisso político, teórico, metodológico e epistemológico, pois acreditamos na educação como prática da liberdade (FREIRE, 1980), pelo fato desta ser uma educação libertadora que não alimenta em nós o desejo de nos tornarmos opressores.

Encontramos, na literatura produzida pela escritora Conceição Evaristo, as diversas formas de re-existências femininas negras, que com suas solidariedades, irmandade, afetos, ensinamentos e reflexões

enfrentaram as opressões e dominação cotidiana, registradas no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (EVARISTO, 2016). Essas histórias mostram a insubmissão feminina contra as forças coloniais presentes na sociedade.

Quanto à produção de dados, recorreremos à mística, aos cordéis das heroínas negras brasileiras, às apresentações cineclubistas, aos musicais, à exposição de charges, poesia, fanzine, livros das autoras e escritoras negras, frases de pensadoras feministas negras e indígenas e às fotografias das nossas práticas insubmissas. Utilizamos também as narrativas, *escrevivências*, *imagensnarrativas* e os diálogos amorosos com Paulo Freire (FREIRE, 2017b).

Encontramos, nas *escrevivências* desse grupo de mulheres, os diálogos amorosos (FREIRE, 2017b), já que o diálogo é resultado do amor ao mundo, aos homens e às mulheres, possibilitando a transformação do mundo que representa o ato de criação e recriação da realidade, entendida como ato de coragem e força revolucionária. Portanto, *se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens [e as mulheres], não é possível o diálogo* (FREIRE, 2017b, p. 111).

A autora bell hooks (1993) também fala sobre a ação transformadora e revolucionária do amor no processo de re-existência contra o machismo, o racismo, o sexismo e a pobreza, podendo inclusive alterar as estruturas sociais existentes, porque [...] *quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar [com] o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura* (HOOKS, 1993, p. 12). O amor liberta, humaniza e permite compor histórias de re-existência com o outro.

Figura 2 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Neste artigo, temos como aporte metodológico os estudos com os cotidianos, em diálogo com a professora pesquisadora Nilda Alves (2015; 2019) e as pesquisas narrativas, desenvolvidas pelo professor pesquisador Marcos Reigota (1999; 2016). Quanto à produção de dados, utilizamos narrativas como procedimentos metodológicos: narrativas ficcionais, *escrevivências*, *imagensnarrativas* e diálogos amorosos com os sujeitos da história (FREIRE, 2017a) e praticantes (CERTEAU, 2008) da pesquisa.

Assim, para dialogarmos com os estudos nos/dos/com os cotidianos e com as pesquisas narrativas, buscamos o pensamento da autora Nilda Alves, segundo o qual:

Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macronegociações políticas e

econômicas permite-nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas “as redes que formamos e nas quais nos formamos” (ALVES, 2019, p. 19).

Por essa razão, tendo em vista que somos afetados e estamos mergulhados nos múltiplos e complexos cotidianos em que vivemos, entendemos que as redes educativas são um convite para repensarmos as nossas práticas escolares, já que

[...] são 'espaçotempos' de reprodução, transmissão e criação de 'prácticasteorias' que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, dependendo da ocasião, do lugar, dos 'praticantespensantes' envolvidos e das ações que desenvolvem” (ALVES, 2019, p. 115).

Nesse sentido, apostamos no movimento de ‘narrar a vida e literaturizar a ciência’ para pensar outro modo de produzir a escrita, apropriando-se das múltiplas linguagens e reconhecendo [...] o valor da narrativa, do romance, da fala, da música e de todos os sons e imagens como ‘conhecimentossignificações’ necessários à vida, indo muito além de considerá-los simples documentos a serem analisados (ALVES, 2019, p. 32). Ao propormos e forjarmos essas mudanças e invenções, buscamos promover ruptura com o modo de produção hegemônico capitalista de legitimar a ciência moderna.

Fazer ciência contando histórias nos desafia também a escrever para aqueles e aquelas que não são nossos tradicionais interlocutores do campo científico, mas, produzem em seus cotidianos os ‘conhecimentossignificações’ que dialogam, problematizam, tensionam e complementam aqueles produzidos nas universidades (p. 34).

A escolha pela pesquisa narrativa (REIGOTA, 2016) ocorreu tendo em vista os seus aspectos teóricos e políticos, uma vez que permite trazer à tona as vozes dos grupos sociais oprimidos que expressam outros modos de ser e estar no mundo. Estes sujeitos da história e praticantes da pesquisa buscam desconstruir e confrontar os discursos e as narrativas hegemônicas, que representam o pensamento dominante e que ao ser reproduzido de forma sistemática, ao longo do processo histórico social, foi se consolidando como verdade.

Aliás, as narrativas ficcionais representam o compromisso ético, político, estético, poético e pedagógico que assumimos ao apresentarmos os lugares, as pessoas e as suas histórias, a partir do significado do vivido, através dos encontros e experiências tecidos com as mulheres em Viana.

Com as narrativas ficcionais pretendo trazer ao espaço público, principalmente aos locais de debate, de formação profissional e política e de elaboração de alternativas que possibilitem a concretização de um estilo mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momentos privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos (REIGOTA, 1999, p. 86).

Desse modo, a partir das narrativas das moradoras e moradores locais e membros de movimentos sociais da localidade, foi possível problematizar as questões étnico-raciais em diálogo com a pertinência da Lei Federal nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos cotidianos escolares e em outras redes educativas para que as práticas antirracistas aconteçam na vida cotidiana.

## 2 APROXIMAÇÕES COM O TEMA

O município de Viana<sup>1</sup> faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória no estado do Espírito Santo (ES). Ao lermos a historiografia oficial da cidade de Viana, conforme mencionado no site da

<sup>1</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA. **História do Município.** Disponível em: <http://www.viana.es.gov.br/site/pagina/historia>. Acesso em: 15 mar. 2020.

prefeitura, percebemos a semelhança com os acontecimentos ocorridos no cenário nacional, pois a história desta localidade foi forjada pelos dominadores e contada de forma hegemônica. Por isso, a maneira como a colonização portuguesa é apresentada limita o nosso entendimento acerca dos conflitos que ocorreram a partir da “presença civilizatória” dos colonizadores, os quais provocaram o genocídio da população nativa, formada pelos indígenas da tribo Puris que lutavam em defesa dos seus territórios e contra a dominação colonial.

No município, buscamos compor diálogos com os movimentos sociais que tecem suas práticas pedagógicas ambientais e antirracistas entrelaçadas com a atuação e o envolvimento feminino. Podemos dizer que a forte presença das mulheres nesses espaços nos encoraja a continuar apostando nos encontros com aquelas que vêm das margens (REIGOTA, 2010), pelo fato de apresentarem o avesso do mesmo lugar, já que [...] *mediante narrativas pessoais, podemos aprofundar o conhecimento sobre aspectos encobertos ou negligenciados pela historiografia oficiosa ou oficial* (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003, p.11).

Em Viana, as mulheres estão inseridas em diferentes movimentos sociais, que são redes educativas cotidianas, tais como: na Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do rio Formate e seus Afluentes (Asiarfa), na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Reciclados do Município de Viana (Ascamavi), no Grupo Artesanarte, no Coletivo Formate e na Federação dos Movimentos Populares de Viana (Femopovi).

A Asiarfa atua nos municípios de Viana e Cariacica realizando a sensibilização, reflexão e ações educativas nas escolas, visando reduzir as problemáticas ecológicas que o rio Formate enfrenta devido à ocupação desordenada de sua bacia hidrográfica. Os integrantes desse grupo participam dos conselhos de direitos, palestras, seminários, fórum e demais eventos ligados à Educação Ambiental. Além disso, promovem campanhas sobre a não privatização dos recursos hídricos e discutem sobre as condições de moradia da população que margeiam o rio.

A Ascamavi é uma cooperativa que trabalha com resíduos sólidos, cujos/as associados/as recolhem, separam, prensam e comercializam os materiais reciclados e dividem igualmente o lucro entre os/as cooperados/as. As mulheres deste grupo realizam o trabalho de sensibilização nas escolas, unidades de saúde, comércios e demais espaços comunitários que fazem parte da área de abrangência da cooperativa. Elas também participam das reuniões e encontros entre os catadores e catadoras de materiais reciclados da Grande Vitória, a fim de fortalecerem os processos de luta por melhores condições de subsistência.

O grupo Artesanarte é formado por mulheres artesãs que organizam o seu trabalho a partir da economia solidária, reaproveitamento, customização e inclusão produtiva. Nesse grupo, as mulheres já realizaram oficinas com idosos, pessoas com transtornos mentais, no sistema prisional, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Serviço de Acolhimento Institucional e na Comunidade Quilombola de Araçatiba.

O Coletivo Formate é um grupo cujos integrantes apresentam uma trajetória e experiência com as educações ambientais e que buscam por meio das suas práticas pedagógicas e políticas, dialogar com crianças, adolescentes e adultos sobre outros modos de existir e de habitar o mundo baseado na coletividade, irmandade e solidariedade. O Coletivo Formate representa o nosso quilombo de afetos, onde partilhamos comida, ensinamentos e afetividade, bem como escolhemos e manifestamos o desejo de seguir caminhos, percursos e trajetórias que trazem à tona a potência dos desconhecidos modos de se viver.

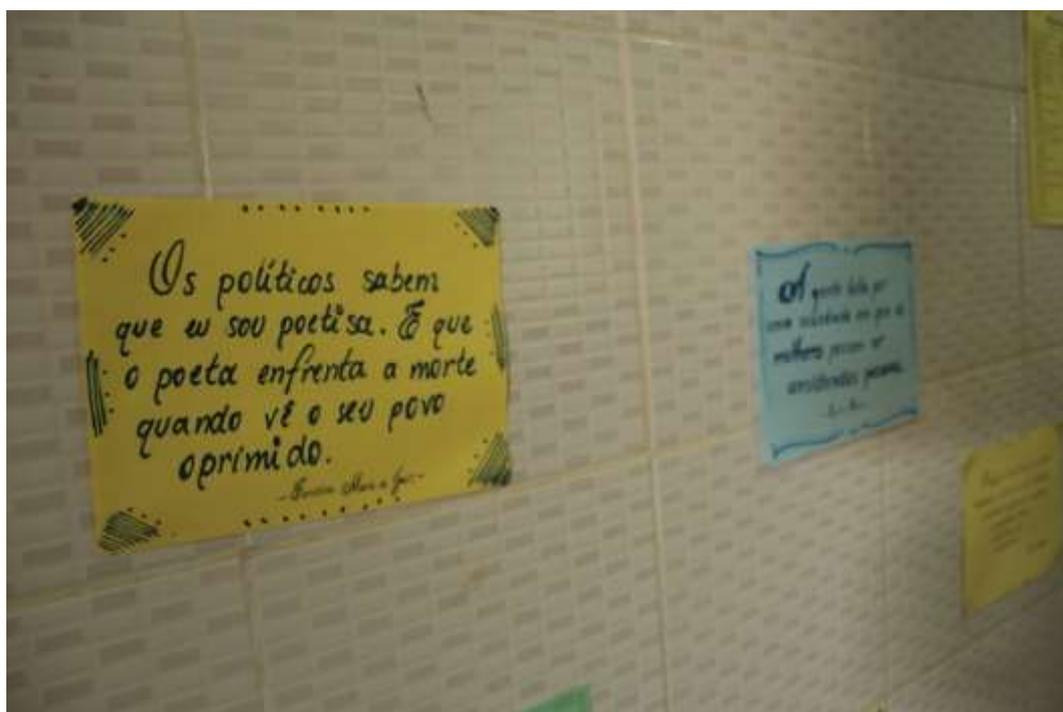
Através das nossas práticas educativas que emergem dos encontros literários, cineclube, oficinas e momentos musicais, temos como objetivo denunciar as relações coloniais de poder e os seus impactos nos ambientes em que vivemos e anunciar outras formas de ser, esta e interpretar o mundo, recriando a nossa existência, ao compartilharmos as histórias de homens e mulheres que desafiam as práticas de dominação, questionando as supostas verdades produzidas de forma hegemônica pelas relações patriarcais, raciais e capitalistas.

A Femopovi é uma entidade sem fins lucrativos, em que os/as integrantes deste grupo participam

do controle social por meio dos conselhos de direitos na área social, ambiental e educacional. Além do mais, colaboram com a organização das Associações de Moradores e Movimentos Comunitários locais. A Femopovi organiza audiências públicas e reuniões com assuntos de interesse popular (moradia popular, reforma da previdência e defesa do Sistema Único de Saúde), promove a entrega de mantimentos quando recebe doações e organiza atos públicos e ações ecológicas, também discute sobre saneamento básico municipal.

No encontro com essas mulheres, aproximamo-nos da literatura da escritora Carolina Maria de Jesus (2014), mulher negra, autodidata, feminista, dramaturga, romancista, compositora, cantora, atriz, poetiza, favelada, catadora de papelão e mãe solo. Com ela, aprendemos que a escrita alimenta a nossa existência enquanto força revolucionária, sendo um espaço de denúncia ao descaso do governo diante das precárias moradias, do desemprego, do alcoolismo, da violência doméstica, da falta de saneamento básico e da fome. Diante de tanta mazela, a autora questionava a democracia, as desigualdades sociais e raciais e o posicionamento dos governantes da época. Carolina Maria de Jesus narrou: *os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido* (JESUS, 2014, p. 39), destacando a poesia como prática de re-existência individual e coletiva.

Figura 3 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda para compreender as narrativas que foram tecidas em nossos encontros, destacamos as contribuições literárias da escritora Conceição Evaristo, que tem sua escrita marcada pela condição de mulher negra, militante, oriunda das classes populares, professora, mestre em Literatura Brasileira, doutora e pesquisadora em Literatura Comparada. Deste lugar de fala (RIBEIRO, 2019a), Evaristo nos apresenta de forma poética as suas *escrevivências* quando diz que *é a escrita que se alimenta da experiência de vida da autora* (EVARISTO, 2016, p. 6) e das histórias narradas por outras mulheres negras.

Desse modo, ao interpretarem os *espaçostempos* (ALVES, 2015) em que vivem, essas mulheres buscam subverter as representações hegemônicas impostas pelo patriarcado enquanto denunciam por meio de suas narrativas situações concretas cotidianas que evidenciam as diferentes tentativas de silenciamento das vozes femininas, mesmo estando inseridas nos movimentos sociais. Elas compartilham a importância de problematizar acerca das relações indissociáveis entre gênero, raça, classe e sexualidade, a fim de não reproduzir, aceitar e/ou naturalizar as formas de tentativa de dominação do patriarcado.

Com a autora Sueli Carneiro (2019), filósofa, pedagoga, escritora, feminista negra, militante antirracista, fundadora do Geledés (Instituto da Mulher Negra), pensamos as relações de dominação presentes nas desigualdades: (a) de gênero, reproduzidas pelo patriarcado que naturaliza a hegemonia masculina e pela homofobia que tem como origem a imposição da heterossexualidade como única forma de relacionamento afetivo e sexual; (b) sociais, pelo elitismo classista que privilegia economicamente e politicamente um determinado grupo social; (c) religiosas, pelo fundamentalismo religioso que promover a intolerância e a não aceitação das práticas religiosas dos grupos sociais historicamente oprimidos (CARNEIRO, 2019); e (d) raciais, pelo racismo — um sistema de opressão que foi estruturado na sociedade brasileira — que nega os direitos sociais da população negra e busca legitimar a supremacia branca ao se reafirmar por meio das desigualdades de oportunidades.

Desejamos ainda tecer histórias de re-existência com a professora, escritora, militante antirracista, feminista negra e intelectual norte-americana bell hooks, por reconhecermos que falar no sentido de *erguer a voz [...] é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito — a voz liberta* (hooks, 2019b, p. 39). Assim, a fala para os grupos oprimidos representa re-existência contra o patriarcalismo, o racismo, o machismo e o sexismo que compõem sistemas interligados de dominação. Por isso, acabar com as práticas opressivas pode ser considerado um gesto de amor, por manifestar o desejo de vivermos em um mundo onde as pessoas sejam livres. Além do mais, a fala é também um ato de coragem pelo fato de romper com a visão de sujeito único universal e um esforço por tentar reconstruir a nossa humanidade inferiorizada pela opressão colonial. Nesse mesmo sentido, a fala é um compromisso político de educar para a liberdade, porque as ideias não são neutras.

Desse modo, entendendo o lugar de fala como processo de desnaturalização do discurso hegemônico branco opressor, escolhemos também compor um diálogo com a autora Djamila Ribeiro (2019a), filósofa, feminista negra, escritora, pesquisadora e mestra em Filosofia Política, a fim de questionarmos a origem social das desigualdades e as relações de privilégios.

Nesse ponto de vista, a autora menciona que [...] *saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo* (RIBEIRO, 2019a, p. 84). Por isso, os grupos sociais historicamente marginalizados, como os de Viana, buscam o reconhecimento de sua existência enquanto sujeitos políticos através da fala, ao trazerem a público outras narrativas e produção de saberes.

Corroborando esse pensamento quando Djamila Ribeiro (2019a) enfatiza que historicamente as mulheres foram definidas pelo olhar e discurso masculino, como se sua existência tivesse sentido a partir do valor social dado pelos homens ou em comparação a eles. Por esse motivo, entendemos *a linguagem como mecanismo de manutenção de poder [...]* (RIBEIRO, 2019a, p. 14), por isso é necessário produzir outros discursos visando reconhecer as mulheres como *sujeitos políticos, sujeitos em si*, de modo que seus saberes, em especial os das mulheres negras, não sejam considerados menores se comparado aos conhecimentos produzidos pelos homens.

Com relação aos privilégios epistêmicos, a escritora Djamila Ribeiro relata que estes favorecem o apagamento da produção intelectual negra e colabora com a história contada a partir dos discursos dominantes (RIBEIRO, 2019b). Por considerarmos que a liberdade faz parte de um movimento contínuo, devemos estender essa reflexão ao campo epistemológico, pois escolhemos dialogar com autoras e escritoras feministas negras com as quais problematizamos a respeito do eurocentrismo presente nas nossas referências bibliográficas, as quais reafirmam a hegemonia masculina branca na produção de conhecimento.

Sobre esse assunto, a autora Djamila Ribeiro declara que [...] *é raro que as bibliografias dos cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no espaço universitário e intelectual é extremamente apagada [...]* (2019b, p. 63), sendo que a descolonização do saber ocorre no momento em que praticamos as nossas insubmissões epistemológicas ao apostarmos no enegrecimento do conhecimento. Assim, por compreendermos o campo epistemológico como sendo *'espaçostempos'* de poder, o diálogo com autoras e escritoras feministas negras é uma forma de enfrentamento ao epistemicídio, que tem sido uma estratégia

dominante utilizada desde o período colonial com o objetivo de inferiorizar, desqualificar e tentar anular toda produção de conhecimento intelectual de escritores/as e autores/as negros/as. Aliás, resultado do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) que permeia a sociedade, busca-se o rebaixamento da capacidade cognitiva dos povos negros, negando-lhes o acesso à educação de qualidade. Nesse contexto, para Sueli Carneiro (2019, p. 8), o epistemicídio é um

[...] conjunto de estratégias que determinam por abalar a capacidade cognitiva das pessoas negras, que conspiram sobre a nossa possibilidade de nos afirmarmos como sujeito de conhecimento, ou seja, todos os processos que reiteram que nós somos, por natureza, seres não muito humanos, e, portanto, não suficientemente dotados de racionalidade, capazes de produzir conhecimento e, sobretudo, ciência.

Mediante o exposto, sendo este um ato político, escolhemos compor o referencial teórico com autoras e escritoras negras, as quais erguem a voz através da militância, escritas, publicações e compartilhamentos de suas produções, pois reconhecemos os méritos do conhecimento e das contribuições acadêmicas das feministas negras para desnaturalizar o pensamento histórico opressor, que busca legitimar a subalternidade das mulheres negras. Nesse sentido, destacamos que

[...] é preciso que muitas vozes se ergam contra o genocídio da população negra, o aumento crescente da população de rua, o avanço criminoso do agronegócio sobre os territórios indígenas e quilombolas, o assassinato das mulheres cis e trans, as práticas de ódio contra a população LGBT, a criminalização dos movimentos sociais e a repressão ao conhecimento por meio do ataque às escolas e às universidades (HOOKS, 2019b, p. 14).

Erguer a voz (HOOKS, 2019b) e vivenciar os processos de descolonização das nossas mentes (FREIRE, 1978) pode ser considerado desafiador, uma vez que [...] *a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – [consiste em] libertar-se a si e aos opressores* (FREIRE, 2017b, p. 41). Assim, buscamos não reproduzir as relações colonialistas, patriarcais, racistas e sexistas que foram construídas ao longo da história em relação ao apagamento da produção das autoras e escritoras negras, pois entendemos que não podemos continuar reiterando o racismo enquanto parte dos sistemas de opressão que nos propomos a combater.

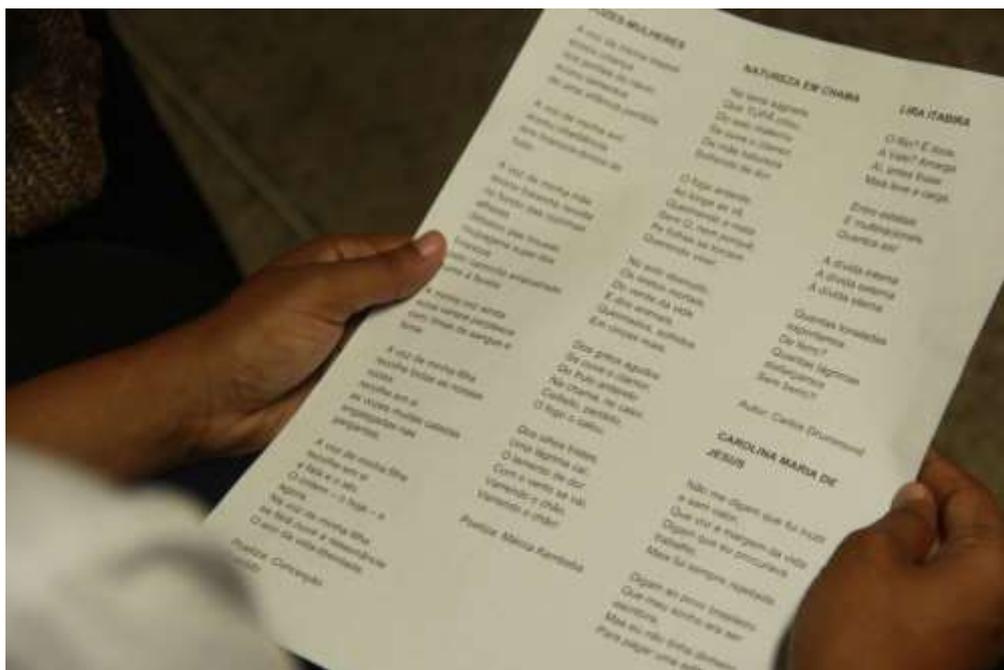
Reconhecemos que as relações de dominação nos asfixiam, por esse motivo não podemos nos conformar em continuar utilizando as máscaras que representam o racismo, o machismo, o sexismo, a homofobia e a intolerância religiosa, pois precisamos respirar. Em razão disso, entendemos que é *Tempo de nos aquilombar* como é sugerido em um dos poemas da escritora Conceição Evaristo (2018), que nos convoca a formamos outros quilombos, independente dos lugares e espaços em que estejamos, pois as nossas organizações sociais fazem ecoar as nossas resistências.

Pensando nas possibilidades de nos *aquilombar* e escutando as *escrevivências* das mulheres inseridas nos diferentes movimentos sociais vianenses, surgiu o encontro Diálogos de mulheres insubmissas, com o objetivo de compartilharmos as nossas práticas de re-existências e ecologias insubmissas. Esse encontro foi inspirado na arte das *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo (2016) e nos permitiu um momento para conversarmos sobre as nossas militâncias, práticas pedagógicas ambientais e as situações vivenciadas no cotidiano feminino.

### 3 ENCONTRO DIÁLOGO DE MULHERES INSUBMISSAS

Para o encontro *Diálogo de Mulheres Insubmissas*, organizamos uma mística, que foi pensada como um momento de celebração, para nos alimentarmos das re-existências, solidariedades, sonhos e esperanças presentes nos povos indígenas, quilombolas e MST, os quais nos ensinam que somos seres coletivos e que fazemos parte de uma luta ancestral, que não se esgota em nós, sendo esses sujeitos inspirações para continuarmos com as nossas ações comunitárias em Viana. A mística foi um momento de fortalecimento individual e coletivo, pois sabemos que os direitos sociais foram garantidos mediante luta, suor e sangue de muitos seres humanos que desafiaram o sistema de opressão em que vivemos.

Figura 4 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

O momento da mística foi conduzido por Raquel Passos, intérprete musical de duas canções compostas pela Fatinha Castelan, as quais foram cantadas no decorrer deste encontro. A primeira, cujo título é *Da Mãe África Vemos* (PASSOS; CASTELAN, 2019), fala da história e memória presentes na oralidade dos povos negros que lutam cotidianamente: contra o racismo; pela liberdade de existir; e para continuarem conectados com a ancestralidade africana. Já a canção *Grita Mulher* (PASSOS, 2017) denuncia a naturalização da violência praticada contra os corpos femininos e convoca as mulheres a seguirem lutando por sua libertação do machismo. Por meio dessas canções, encontramos na história das guerreiras afro-ameríndias a resistência necessária para continuarmos apostando nas nossas práticas políticas, pedagógicas e ecológicas em Viana. Abaixo um trecho da canção *Da mãe África Vemos*.

Força vital que está presente na ancestralidade  
 Na memória, na história, em nossa oralidade  
 Corpo livre e gingado, viva a liberdade  
 Irmãs, irmãos quilombolas, mantêm viva a memória  
 Caxambu, na capoeira, no jongo e no congo  
 Gritando liberdade, é hora de lutar  
 Grito que ecoa, vamos anunciar.

Quanto ao espaço que compôs a mística, estavam presentes alguns instrumentos musicais e outros elementos da cultura indígena e negra como o tambor, casaca, chocalho, máscara africana, esteira de palha, artesanato, assim como manjerição e alecrim para perfumar o ambiente. A Raquel Passos levou um jarro com rosas do deserto, vegetação característica das regiões áridas do Continente Africano, simbolizando a resistência desses povos.

Ela também levou um tecido característico dos povos ameríndios como os Incas, sendo símbolo da tradição peruana, o que nos possibilitou refletir tanto sobre os assassinatos das lideranças indígenas e quilombolas ou expulsão, quanto sobre a apropriação de suas terras pelos fazendeiros, madeireiros e indústrias. A vela simbolizava a chama da esperança, fazendo emergir em nós tudo que nos traz esperança, a fim de continuarmos nossa caminhada de re-existência enquanto integrantes dos movimentos sociais vianenses que realizam práticas ecológicas insubmissas na bacia do rio Formate.

Além disso, Raquel Passos levou uma camiseta estampada com os rostos de mártires capixabas, como a irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, defensora dos povos indígenas; o Juiz Alexandre Martins, que ficou conhecido como símbolo de justiça e coragem por causa de sua atuação contra a impunidade e o crime organizado no Espírito Santo; o Padre Gabriel Maire, envolvido nas lutas populares, nos grupos de fé e política e nos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base; o ambientalista Paulo César Vinha, biólogo que liderava o movimento contra a extração de areia na área de restinga e a construção de empreendimentos imobiliários em locais de preservação ambiental na cidade de Guarapari.

Figura 5 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa camiseta também estava estampado o rosto da vereadora carioca Marielle Franco, socióloga, militante feminista, negra, que lutava pelas causas das comunidades LGBTQIA+, pelos Direitos Humanos, e denunciava o abuso de autoridade e a violência policial cometida contra os/as moradores/as das favelas no Rio de Janeiro. Esse momento contribuiu para que viesse à tona o nome de outras pessoas que morreram lutando contra a dominação e a opressão.

Figura 6 – Quadro de Marielle Franco no Rio de Janeiro, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalizamos a mística com a Raquel Passos entoando a canção Sorriso de Marielle (SOARES; PAGANUCCI, 2019), composição de um grupo de artistas capixabas, do qual faz parte, em *mulheragem* à vereadora assassinada em março de 2018. Essa música narra a resistência que nasce nos quilombos e nas favelas, sendo muitas dessas lutas lideradas por heroínas negras. Abaixo a letra da música *Sorriso de Marielle* de Etti Paganucci e Gilson Soares.

Sorriso de Marielle

Retrato bom do Brasil

Luz no olhar

Brilho na pele:

Dignidade civil!

Sorriso de Marielle

Franco, fraterno e Feliz

Luz no olhar, brilho na pele

Retrato bom do país.

Brasil-mulher valentia  
 Com coragem e alegria  
 Nos quilombos, nas favelas;  
 Ou mesmo na noite escura  
 Mostra sua bravura  
 Na “torre das donzelas”

Esse sorriso é o Brasil  
 Belo, valente e gentil  
 No fulgor do dia a dia  
 Grito de raça e de fé  
 Vindo do chão da maré  
 Pra enfrentar tirania

Marielle é Cleusa  
 Ela é Dandara,  
 Zacimba Gaba, Iara, dona Ivone Lara,  
 Dulci Maria da Penha, Maria Bonita;  
 Dilma, Zuzu, amelinha,  
 Luiza Mahim, chiquinha,  
 Maria quitéria, Anitta,  
 Forte igual a Chica da Silva,  
 Da luta da Tia Ciata,  
 A marcha das margaridas,  
 As mulheres indígenas,  
 As marias, Marias,  
 Marielle Vive!

Para pensarmos no enegrecimento dos espaços de poder e os motivos pelos quais temos poucas mulheres negras ocupando cargos políticos e de chefia, buscamos tecer um diálogo, especialmente, com a autora Sueli Carneiro que, no livro *Escritos de Uma Vida* (2019), aborda a situação da população negra no Brasil, dando ênfase às especificidades das mulheres negras e mostrando como o racismo e sexismo agem sobre os corpos femininos.

Embora o racismo esteja presente nos cotidianos da população negra, entendemos que as mulheres negras são as mais afetadas pelas opressões raciais e de gênero, que [...] *se retroalimentam para mantê-las numa situação de asfixia social* [...] (CARNEIRO, 2019, p. 281), dificultando sua ascensão social e colaborando com a reprodução das imagens estereotipadas, ora sexualizada, ora subalternizada.

Por isso, ver as mulheres negras envolvidas nas disputas de poder e ocupando cargos de chefia

ainda causa estranhamento como se estivessem fora do lugar. Para a autora Sueli Carneiro (2019), dialogar sobre as mulheres negras e poder é, muitas vezes, falar do ausente. Diante disso, pensar na superação da pouca representatividade feminina negra nesses espaços é uma forma de contribuirmos com a promoção da igualdade racial e de gênero.

A partir do momento em que enegrecemos os espaços de poder e decisão, principalmente, elegendo mulheres negras que vêm de um processo de re-existência ancestral, com uma trajetória de participação e militância nos movimentos sociais, o grupo hegemônico, branco, elitista, conservador representante dos senhores de engenho e barões do café, que reproduzem as relações coloniais de dominação, utiliza o discurso de ódio como instrumento de fazer política. Isso ocorre porque a preocupação dos opressores não é com os nossos diálogos pela igualdade racial e de gênero, mas com a nossa re-existência e práticas insubmissas de não ocupar os lugares de subalternidade (CARNEIRO, 2019); (RIBEIRO, 2019b).

Por essa razão, entendemos o quanto é significativo termos pessoas negras, que vivenciaram o processo de descolonização das mentes (FREIRE, 1978), ocupando espaços de poder com a finalidade de realizar o enfrentamento ao racismo e ao sexismo, pensando no fortalecimento da coletividade. A ocupação dos espaços de poder busca garantir a nossa existência, já que nesses locais são tomadas decisões e elaborados projetos e leis que incidem sobre a nossa vida e morte enquanto população negra. Por isso, temos que resistir, ocupar e transformar esses espaços por meio de estratégias que contribuam com a construção de uma sociedade antirracista.

O enegrecimento dos espaços de poder e decisão como: o poder executivo, legislativo, judiciário; os cargos de chefia em instituições públicas e privadas; a ampliação do acesso da população negra às universidades públicas; a produção de narrativas contra hegemônicas; a apresentação de outras expressões culturais, epistemologias; a participação na organização das políticas públicas e das ações afirmativas, são essenciais para promovermos a igualdade racial. Ressaltamos ainda que a garantia de políticas públicas e a ampliação da oferta dos serviços públicos nas áreas de educação, saúde, assistência social, trabalho, moradia e saneamento básico, buscam combater a exclusão social e racial, já que a pobreza neste país tem cor (CARNEIRO, 2019); (RIBEIRO, 2019b).

Durante o encontro, apresentamos a coleção em cordéis das vinte heroínas negras brasileiras (ARRAES, 2017), que compõe a obra da escritora, poetiza, cordelista, jornalista nordestina Jarid Arraes, militante do movimento feminista negro, que, ao revisitar a história dessas mulheres, sentiu o desejo de contribuir com o movimento de re-existência a fim de que elas não sejam esquecidas. Assim, escolheu apresentá-las em cordéis, como forma de facilitar o diálogo especialmente com os/as estudantes.

A coleção das heroínas negras dialoga com o livro *Olhares Negros: raça e representação* (2019a), da autora bell hooks, no qual ela faz [...] *um regresso em busca daquilo que as narrativas hegemônicas ‘deixaram cair’ ao longo da história. Consolida-se como uma obra que nos impõe um compromisso ao mesmo tempo epistemológico e ético* (HOOKS, 2019a, p. 22). Essas leituras foram um convite para repensarmos a imagem socialmente construída a respeito de nós mulheres negras, pois entendemos que [...] *o propósito aqui não é impor uma epistemologia da verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas* (RIBEIRO, 2019a, p. 14).

Iniciamos esse diálogo apresentando Maria Aranha, que foi uma das lideranças políticas do quilombo do Mola, localizado no Tocantins. Antonieta de Barros, professora, jornalista, escritora, foi a primeira deputada negra, defendia a emancipação feminina e lutava contra o racismo. Maria Firmina dos Reis, professora e primeira escritora negra brasileira, que abordou temas ligados à abolição da escravidão, criticou a sociedade escravagista e fundou uma escola pública, gratuita e que atendia meninas e meninos na mesma sala de aula. Maria Felipa, marisqueira que liberou um grupo de mulheres no processo de independência da Bahia. Eva Maria do Bonsucesso, mulher alforriada, ousada, trabalhava como quitandeira, foi agredida por um homem branco, rico e de família influente, defendeu-se da agressão, denunciou o agressor e lutou arduamente até ele ser condenado e preso.

Dando continuidade à trajetória das heroínas negras, destacamos a atuação de Tereza de Benguela, que liderou por vinte anos o Quilombo Quariterê em Mato Grosso e de forma coletiva tomava as decisões,

e quando apreendiam nas batalhas as armas dos Bandeirantes, transformavam os armamentos, principalmente, em panelas para alimentar o povo quilombola. Aqualtune, princesa guerreira do Congo, escravizada no Brasil, símbolo de resistência, liderou e expandiu o Quilombo dos Palmares e foi avó de Zumbi dos Palmares. Zeferina, rainha, guerreira, que fundou o quilombo do Urubu, era também estrategista de guerra. Tia Ciata exercia sua liderança religiosa por ser Mãe de Santo, sua casa era um ponto de cultura e resistência negra, abrigando os/as sambistas e capoeiristas marginalizados/as e perseguidos/as pela polícia. Tia Simoa liderou o processo de luta e resistência negra pelo fim da escravização de pessoas no Ceará.

Figura 7 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Evidenciamos também a história de Luiza Mahin, que participou ativamente da revolta dos Malês e da Sabinada que aconteceram na Bahia; em sua casa, ocorriam as reuniões de organização dos movimentos de resistência. Anastácia utilizava o seu conhecimento como curandeira para aliviar a dor e o sofrimento de seu povo; ela foi obrigada a usar uma máscara em seu rosto após lutar para não ser abusada sexualmente pelo filho do casal que a escravizava. Mariana Crioula liderou juntamente com Manoel Congo a maior fuga de pessoas escravizadas da região fluminense, no Rio de Janeiro. Esperança Garcia, mulher escravizada, que corajosamente denunciou por meio de carta as situações desumanas vivenciadas pelos/as negros/as, tendo sido simbolicamente reconhecida pela Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Piauí – como a primeira mulher advogada desse Estado.

Temos ainda as histórias de Acotirene, matriarca do Quilombo dos Palmares, guerreira e conselheira quilombola. Na Agontimé, rainha de Daomé que veio escravizada para o Brasil, comprou a sua alforria e fundou a Casa das Minas, religião de matriz africana, de origem matriarcal. Laudelina de Campos, sindicalista, trabalhadora doméstica, militante feminista e defensora da igualdade racial. Zacimba Gaba, princesa guerreira da nação de Cabinda, localizada na Angola, foi sequestrada e vendida à Capitania do Espírito Santo; liderou a revolta na qual os seus algozes foram mortos e fundou o seu próprio quilombo. Dandara dos Palmares, guerreira, capoeirista, líder do exército feminino palmarino, trabalhadora agrícola e estrategista de guerra. Carolina Maria de Jesus, escritora mineira, favelada, catadora de papel, que narrou em suas obras as questões raciais, de gênero e as desigualdades sociais.

Figura 8 – Momento da mística, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa tentativa de apagar da historiografia oficiosa ou oficial (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003) as mulheres negras que buscaram romper com a opressão patriarcal, não permitindo que tivéssemos acesso a elas no período escolar, tem sido uma estratégia utilizada para se naturalizar a violência, reforçar o machismo, as desigualdades raciais e de gênero, fazendo-nos acreditar em uma suposta postura feminina conformista diante das relações de dominação masculina. O protagonismo dessas mulheres negras mostra que em diferentes momentos históricos elas organizaram espaços de re-existência, não se restringindo ao ambiente doméstico familiar, pois atuavam como lideranças políticas.

Trazer à tona as histórias das heroínas negras foi a maneira que encontramos de evidenciar que as nossas re-existências são ancestrais, isto é, guardamos em nós parte das histórias dessas guerreiras, a fim de que elas possam nos inspirar a continuarmos praticando as nossas insubmissões coloniais em Viana, conectando as nossas práticas ecológicas com as ações educativas antirracistas contra as relações de dominação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário, constatamos que, [...] em um contexto supremacista branco em que vivemos, ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia-a-dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora (HOOKS, 2019a, p. 47). Por isso, para as feministas negras, combater o racismo é um compromisso político assumido frente às relações de opressão, dominação e sexismo.

O encontro diálogo de mulheres insubmissas, foi um momento formativo para conversarmos sobre as nossas práticas ecológicas insubmissas que são atravessadas pela nossa condição de mulheres, em sua maioria, negras, mães, trabalhadoras, professoras, militantes e estudantes de graduação, pós-graduação lato sensu e stricto sensu e que estão aprendendo que a libertação do racismo e do patriarcado fazem parte de uma luta constante, que deve ser vivenciada na coletividade, por isso assumem o compromisso com a educação antirracista enquanto parte de uma filosofia de vida.

Como fruto deste encontro, iniciamos uma parceria nos cotidianos escolares onde algumas dessas mulheres atuam, tivemos a oportunidade de dialogar com estudantes do ensino fundamental II de escolas públicas em Viana e Cariacica, bem como um momento formativo com estudantes do ensino médio. Ressaltamos que a finalidade desses encontros foi mostrar aos estudantes o quanto o patriarcado e o racismo tentam aprisionar os nossos corpos, pensamentos e sonhos, bem como evidenciar que não existe dominação sem resistência.

Ressaltamos que as práticas antirracistas realizadas estão em consonância com as Leis 10.639/2003 e Lei 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino das histórias e culturas negras e indígenas nos cotidianos escolares, fazendo esse resgate da nossa humanização, ao mostrar que somos produtores de conhecimento e cultura. Desse modo, assumimos um posicionamento político, pedagógico e contra-hegemônico a favor dos grupos sociais historicamente oprimidos e marginalizados.

Com relação as (in)conclusões, compreendermos que os nossos passos vêm de longe e por sermos seres inacabados (FREIRE, 2017a), que fazemos parte de uma mesma história em andamento, buscamos encontrar nas nossas práticas antirracistas, alternativas para continuarmos suspendendo os céus e adiando o fim do mundo (KRENAK, 2019), quando nos alimentamos de poesia, música, cinema, narrativas e outras formas de encontros criativos, com a intenção de projetamos nossos paraquedas coloridos (KRENAK, 2019) a fim de reinventarmos e produzirmos outros mundos nos espaços considerados hegemônicos e de supremacia branca.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.
- ALVES, Nilda. **Estudos dos cotidianos, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). Curitiba: CRV, 2019.
- ALVES, Nilda. **Praticantepensante de cotidianos**. In: GRACIA, Alexandra;
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 19 jul. 2021.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Polén Livros, 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a. 200p.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**: 01 da série Ecos da Palavra. [Entrevista concedida ao] Instituto Tear. [S.l.], 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 142p.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Palas Mini, 2018b. 124p.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018a.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 173p.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 150p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a. 143p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b. 253p.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 273p.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante. 2019b. 380p.
- HOOKS, bell. Living to Love, 1993. Tradução: Vivendo de amor. **Geledes**. São Paulo, mar. 2010. Disponível

em: <https://arquivo.geledes.org.br/áreas-de-atuacao/questões-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: 22 dez. 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a. 356p.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 230p.

PASSOS, Raquel. **Grita Mulher**. Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2017, 1 CD, faixa 08.

PASSOS, Raquel; CASTELAN, Maria de Fátima. **Da mãe África viemos**. Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2019. 1 CD, faixa 04.

RAMOS, Andreia Teixeira. Marielle Franco, a potência da insubmissão!. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 1, n. Especial, p. 35–52, 2021a. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/835>. Acesso em: 8 dez. 2021.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias**. Cascavel, v. 13, n. 3, p. 15-34, set./dez. 2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23554>. Acesso em: 28 jul. 2020.

REIGOTA, Marcos (2010). A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>. Acesso em: 31 jul. 2013.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (orgs.). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 211p.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. **Trajatória e narrativas da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019a. 112p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019b. 135p.

SANTOS, Edilene. Práticas pedagógicas e saberes socioambientais comunitários de um assentamento rural. In: Reunião Nacional ANPED, 39., 20 a 24 out. 2019, Niterói. **Anais [...]**. Niterói, 2019. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_16\\_1](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_16_1). Acesso em: 15 fev. 2020.

SOARES, Gilson e PAGANUCCI, Etti. **O sorriso de Marielle**. Youtube.com.br. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9kjSgzgdTQ>. Acesso em: 29 fev. 2020.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).